

Promulgação não entusiasma povo

As cercas e o aparato policial montados para a festa da promulgação da nova Constituição acabaram sendo desnecessários. A exceção de uma caravana de 500 pessoas liderada pelo ex-deputado Múcio Athayde, pouca gente se interessou em sair de casa ontem para assistir à solenidade no Congresso Nacional.

E os que enfrentaram as ameaças de chuva sem arredar o pé da Esplanada dos Ministérios acreditavam ter motivo para isso. Com ônibus de graça, fretado pelo ex-deputado Múcio Athayde, eles pensavam que a manifestação seria importante para conseguirem casa própria. Pelo menos foi isso o que informaram à dona-de-casa Ilva Alves da Rocha, 37 anos, que saiu do Gama depois do meio-dia e até as 15h30 não sabia o que estava acontecendo dentro do Congresso Nacional. Mesmo assim, ela empunhava, eufórica, uma bandeira, que lhe foi entregue dentro do ônibus, com elogios ao presidente Sarney e ao mentor da caravana.

A maioria dos integrantes da "caravana da democracia", como estava sendo chamada, era de gente humilde, aliciada nas cidades-satélites e conduzida em mais de duas dezenas de ônibus fretados.

Gramado vazio
Empunhado bandeiras e faixas, essas pessoas acabaram dando um colorido à "festa popular", que, na verdade, não aconteceu. Múcio Athayde comandou pessoalmente seus seguidores, que pulavam e entoavam frases de elogio ao presidente Sarney e ao deputado Ulysses Guimarães e ao governador Joaquim Roriz.

Tudo isso, no entanto, se estendeu apenas até a chegada do presidente Sarney ao Congresso Nacional. Depois, Múcio ensaiou mais algumas frases, tirou fotos e reconduziu seus seguidores até os ôni-



As cercas e o grande aparato policial foram desnecessários porque poucas pessoas compareceram aos gramados do Congresso

bus. A partir daí, o gramado da Esplanada ficou praticamente vazio, deixando a festa para dois bonecos gigantes — um do deputado Ulysses Guimarães e outro do ministro Íris Rezende — feitos pelo artista Waldomiro Batista. Mas ele também não estava muito interessado na Constituição. "Quero divulgar o meu trabalho", comentou sem nenhum constrangimento.

Diferenças
Entre a festa de ontem e as que aconteceram em 1984 — Diretas-já — e 1985 — eleição de Tancredo

Neves e posse de José Sarney — as diferenças foram muitas. A começar pelo boneco. Em 1985, no instante em que José Sarney tomava posse, e Tancredo estava hospitalizado, os populares subiram com um boneco na concha do Senado Federal. Ontem, o boneco de Ulysses Guimarães foi impedido de chegar perto do Congresso Nacional.

A chuva não atrapalhou no dia do Colégio Eleitoral. Os populares abrigaram-se sob uma bandeira gigante que acabou virando símbolo da democracia e puderam vibrar e

cantar o Hino Nacional junto com os parlamentares. Naquela época, foi colocado sistema de som do lado externo do Congresso o que permitiu o acompanhamento das solenidades.

Em outras ocasiões, o povo saiu tarde dos gramados do Congresso. Ontem, logo depois que as principais autoridades entraram no prédio, os populares dispersaram-se. No final da festa, um policial militar comentou: "O que está cansando hoje é não ter nada o que fazer!"

Segurança criou muito embaraço

A grande festa de promulgação da Nova Constituição brasileira se transformou num encontro de elites. O extenso aparato de segurança impediu o acesso da população às dependências do Congresso e, em consequência, a cerimônia ficou restrita aos parlamentares e convidados que tiveram acesso ao plenário e galerias. De fora do plenário, a única visão da festa era proporcionada pelo "telão" instalado no Salão Verde e pelos televisores dos comitês de imprensa da Câmara e do Senado.

O aparato de segurança criou dificuldades para a circulação dos jornalistas e um cinegrafista da TV Capital teve seu acesso ao plenário impedido — apesar de estar munido de credencial especial — sob a alegação de que já se havia esgotado o horário para o ingresso de equipamentos de rádio e televisão nas cabines de imprensa.

Circulação

No Salão Verde, a circulação também era limitada por cordões de isolamento que separavam funcionários e jornalistas dos convidados especiais. Quem resolveu ir de carro ao Congresso também teve dificuldade.

O controle rígido da circulação interna contribuiu para criar um clima de apatia no Salão Verde, enquanto era realizada a cerimônia no plenário. Este "clima" só foi quebrado quando começaram a ser distribuídos exemplares da nova Constituição, disputados a empurrões e que acabaram se esgotando rapidamente. Na luta por um exemplar, os seguranças levaram vantagem e alguns funcionários conseguiram levar para casa pacotes com 12 unidades mas quem conseguisse duas Constituições já saía com sorriso de vitória. Todo o controle de segurança só ficou menos rígido após o encerramento da cerimônia, quando dois garotos descalços conseguiram a proeza de ingressar no Salão Negro. As delegações internacionais e o presidente da República, José Sarney — motivos principais do excessivo aparato policial — já haviam se retirado.

Chuvas atrapalham o culto

A abertura das comemorações da promulgação da Constituição foi prejudicada pela chuva e o culto ecumênico teve que ser improvisado no hall da entrada principal do Congresso, causando tumulto. Dominada por fiéis das igrejas Assembléia de Deus e Batista Central, a cerimônia teve a participação de apenas mais outra Igreja, a Católica Romana, o que levou o cardeal-arcebispo de Brasília, dom José Freire Falcão, a afirmar: "Não foi um culto muito ecumênico".

Após um dos mais longos períodos de estiagem, a cidade amanheceu chuvosa no dia da festa da promulgação. O culto ecumênico não pôde ser realizado no gramado em frente ao Congresso e foi improvisado no Salão Branco, uma área interna pequena para as mil pessoas que o assistiram. Por falta de microfones, poucos puderam ouvir as palavras de dom José Freire Falcão e do pastor da Assembléia de Deus Geziel Gomes, que representou os evangélicos. Na confusão, o presidente da Assembléia Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, e sua mulher, D. Mora, ficaram espremidos entre fiéis, cinegrafistas e fotógrafos.

Após o ato, dom José Freire Falcão afirmou que um culto ecumênico exigiria a participação de outras igrejas "históricas", como os luteranos e os metodistas, o que não houve. O presidente da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, achou importante a intenção de se realizar um culto ecumênico, mas

disse que outras igrejas, como a Judaica, a Ortodoxa e até mesmo a Espírita, deveriam ter participado.

Reclamação
O bispo de Bauru (SP), dom Cândido Padim, que coordenou a Comissão Constituinte da CNBB, comemorou a promulgação de uma Constituição que, pela primeira vez, "oferece instrumentos efetivos para que o povo participe da vida política". Mas repetiu a reclamação de que na abertura das comemorações deveria haver mais igrejas.

O deputado evangélico Dasso Coimbra (PMDB-RJ) não explicou por que o culto foi restrito às três igrejas. Disse apenas que, a pedido do deputado Ulysses Guimarães, escolheu o pastor Geziel Gomes para falar pelos evangélicos, porque ele representa o maior grupo evangélico do País e por ser um orador "de praça pública". Foi a primeira vez, segundo ele, que as igrejas Assembléia de Deus e Batista participaram juntas de um culto ecumênico.

Com sua voz forte, durante o culto o pastor levou os fiéis quase ao delírio, quando disse que a igreja deles "não é política, nem social" e que quer para o Brasil "a proteção do sangue de Jesus". Todos aplaudiram e gritaram "aleluia, Jesus".

Já dom José Freire Falcão agradeceu a Deus pela promulgação da Constituição, que ele considerava imperfeita em alguns pontos, mas originária de "uma autoridade legítima".



A cerimônia religiosa foi realizada em local improvisado



Ulysses participou, com ACM, da solenidade de lançamento

Constituição já tem o Selo Comemorativo

Logo depois da solenidade de promulgação da Constituição, o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães (PMDB-SP), acompanhado pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Rafael Mayer, e do presidente do Congresso Nacional, Humberto Lucena (PMDB-PB), dirigiu-se à ante-sala do Salão Negro da Câmara para o lançamento do Selo Comemorativo da promulgação da oitava Constituição brasileira.

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, garan-

tiu que o bloco filatélico era uma homenagem do Governo Federal à Assembléia Nacional Constituinte. "Com o selo, o trabalho da Constituinte será um marco no Brasil e no exterior".

O selo, desenhado por Álvaro A. Martins, tem o valor de Cz\$ 550,00, em uma tiragem de 300 mil exemplares. Ele será comercializado pela empresa de Correios e Telégrafos (ECT) até o dia 31 de dezembro de 1989. Seu formato é de 100x70mm e foi impresso em papel couché, gomado e fosforescente.